

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

As bases teóricas do pensamento político masculinista no Brasil: uma análise da obra de Nessahan Alita

Geraldo Homero do Couto Neto, Danilo Augusto da Silva Horta, Daniela Paro

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17839>

Submetido em: 2026-09-01

Postado em: 2026-09-02 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

AS BASES TEÓRICAS DO PENSAMENTO POLÍTICO MASCULINISTA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA OBRA DE NESSAHAN ALITA

GERALDO HOMERO DO COUTO NETO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6686-7182>

[<coutonetogh+anpocs@gmail.com>](mailto:coutonetogh+anpocs@gmail.com)

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

DANILO AUGUSTO DA SILVA HORTA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6033-0536>

[<danilosilvahorta@gmail.com>](mailto:danilosilvahorta@gmail.com)

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

DANIELA PARO

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7926-3189>

[<daniiparo@gmail.com>](mailto:daniiparo@gmail.com)

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo examinar e explicitar os fundamentos do pensamento político de Nessahan Alita, um dos principais ideólogos do pensamento masculinista brasileiro, e compreender se seu pensamento apresenta diferenças em relação às produções teóricas masculinistas analisadas por referenciais bibliográficos estrangeiros. O exame da obra de Alita se deu por meio da análise documental. O *corpus* documental analisado é composto pela totalidade de obras publicadas de Alita. As conclusões da presente pesquisa são: I) que existe um pensamento político nas obras de Nessahan Alita e que é possível sistematizá-lo; II) que o autor apresenta especificidades em relação aos masculinistas estrangeiros, de modo que nos contrapomos à concepção sobre os fluxos unidirecionais de ideias masculinistas dos países anglo-saxões para os não-saxões apresentadas por Debbie Ging (2017); e III) que o pensamento político de Alita é marcado por um autoritarismo masculinista extremo que busca reduzir a autonomia e a liberdade das mulheres ao máximo possível em prol do domínio masculino.

Palavras-chave: Nessahan Alita, Masculinismo, Redpill, Machosfera;

THE THEORETICAL FOUNDATIONS OF MASCULINIST POLITICAL THOUGHT IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF THE WORK OF NESSAHAN ALITA

ABSTRACT: This article aims to examine and elucidate the foundations of Nessahan Alita's political thought, positioning him as one of the leading ideologues in Brazilian masculinist discourse. It seeks to determine whether his ideas present unique differences compared to

masculinist theories analyzed by foreign bibliographic references. The study was conducted through a documentary approach, analyzing the totality of Alita's published works. The main conclusions reached were: I) that Nessahan Alita's writings contain a discernible and systematizable political thought; II) that the author presents unique specificities when compared to foreign masculinist discourse, thereby offering a counter-argument to the model proposed by Debbie Ging (2017); and III) that Alita's political thought is marked by an extreme masculinist authoritarianism that aims to severely restrict women's autonomy and freedom in favor of masculine dominance.

Keywords: Nessahan Alita, Masculinism, Redpill, Manosphere;

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XXI observou-se o fortalecimento de visões de mundo reacionárias e extremistas na vida política e social. Antes restritas a âmbitos privados ou públicos pouco conhecidos, como a *deep web*, blogs, ou chans, essas visões normalizaram-se e passaram a circular amplamente nas plataformas digitais, tornando-se *mainstream*. Esses fenômenos se potencializam, sobretudo, a partir da década de 2010, momento em que diferentes setores e líderes de extrema-direita passaram a conquistar poder político e diferentes espaços institucionais em democracias consolidadas. Lideranças como Donald Trump, Jair Bolsonaro e Javier Milei, cada um ao seu modo, sustentaram e reproduziram discursos extremistas, marcados por discriminações contra pessoas racializadas, mulheres e diversos outros setores marginalizados da sociedade.

Por conta da crescente força da extrema-direita no Brasil e no mundo, floresceu-se uma série de debates e intensificou-se a produção acadêmica sobre seus muitos setores. Buscando entender melhor suas perspectivas e especificidades, diferentes analistas e pesquisadores mergulharam em investigações sobre os muitos campos e grupos que compõem a extrema-direita. Apesar disso, em nossa concepção, este interesse foi desproporcional: enquanto alguns setores foram objetos de intensa investigação e análise, outros permaneceram marginalizados na academia. Defendemos que entre os setores marginalizados por esta empreitada investigativa estão os masculinistas, em especial no Brasil.

Grande parte das pesquisas sobre os masculinistas concentram-se no Norte Global, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. No cenário internacional, parcela majoritária dos *papers* publicados têm priorizado os estudos de casos de comunidades online específicas, as análises das visões de mundo masculinistas nas redes sociais ou a realização de entrevistas com indivíduos que compartilham e seguem tais perspectivas ideológicas. Se no exterior o debate já conta com certo acúmulo teórico, no Brasil as investigações ainda são escassas, tal como ressaltado por Bruna Camilo Silva (2023, p. 28) em sua tese de doutorado. Apesar de, nos últimos anos, ter-se produzido algumas pesquisas sobre os masculinistas brasileiros, impulsionados pela ampla divulgação de suas ideologias

e visões de mundo nas redes sociais e pelas repercussões que elas causam¹, basta uma simples pesquisa para perceber que o tema permanece pouco explorado.

Os desbalanços resultantes da majoritária literatura internacional sobre os grupos masculinistas e a escassez de pesquisas nacionais sobre os masculinistas brasileiros geram problemas que precisam ser enfrentados caso se pretenda compreender melhor as especificidades do masculinismo brasileiro e suas perspectivas teóricas, ideológicas e políticas. Dentre os problemas oriundos da dominância da literatura internacional e da escassez de pesquisas nacionais sobre masculinistas podemos apontar: 1º) os principais livros, artigos e produções digitais dos autores masculinistas não são pesquisados, analisados e sistematizados pela bibliografia estrangeira, visto o foco em analisar as comunidades masculinistas e/ou os divulgadores das ideologias masculinistas, especialmente nas redes sociais. Devido a isso, gestam-se problemas quanto ao histórico desses grupos e suas perspectivas teóricas e políticas²; 2º) a falta de análise das produções dos ideólogos masculinistas restringe a compreensão das matrizes teóricas e ideológicas que sustentam tais visões de mundo; 3º) muitos dos trabalhos brasileiros se baseiam, majoritariamente, nas análises dos autores estrangeiros para avançar em suas investigações, perdendo, com isso, especificidades dos masculinismos no Brasil; 4º) ao não se investigar as obras de autores masculinistas brasileiros e partir quase exclusivamente de referenciais teóricos estrangeiros, perdem-se as inter-relações, semelhanças e diferenças entre as ideias masculinistas propagadas no estrangeiro e no Brasil.

O presente trabalho parte de dois posicionamentos para sua realização. O primeiro é o de que existem autores que são ideólogos masculinistas, responsáveis por teorizar e propagar perspectivas e ideologias que fundamentam as visões de mundo de diferentes grupos masculinistas. O segundo é o de que o Brasil apresenta seu próprio ideólogo masculinista: Nessahan Alita. Na maioria dos espaços masculinistas nas redes sociais operantes no espaço nacional, como em canais do YouTube, blogs, sites e páginas no Instagram e Facebook, o nome de Alita e sua produção teórica são amplamente divulgados (Castellano; Miguel; 2023). A centralidade de sua obra para os masculinistas brasileiros é patente, e suas ideias são propagadas cotidianamente por seus seguidores. Como ressaltado por Castellano e Miguel (2023, p. 121): “Desconhecido de grande parte da população brasileira, Nessahan Alita foi bastante lido, teve seu pensamento espalhado em grupos de viés conservador e ajudou a formar uma geração de antifeministas no Brasil”.

Esse desconhecimento da população também se reflete na academia. Dentre as escassas pesquisas sobre os masculinistas realizadas no Brasil, o nome de Nessahan Alita aparece apenas em algumas, tal como a entrevista de Dolores Aguero Aronovich — Lola Aronovich, presente na tese de doutorado de Bruna Silva (2023) e no artigo de Castellano e Miguel (2023). A falta de referências

¹ Uma dessas repercussões se deu com as ameaças e violências simbólicas realizadas por um influencer masculinista, Thiago Schultz, contra uma humorista brasileira em 2023.

² Entendemos que, embora os estudos de caso sejam úteis para se compreender elementos ideológicos de determinada comunidade, outros métodos de investigação podem trazer novas informações e novas perspectivas. A análise sistemática da produção intelectual masculinista parece ser fundamental para isso.

à obra de Alita em produções acadêmicas sobre os masculinistas brasileiros, em paralelo à ampla circulação de suas ideias nas redes sociais e em espaços masculinistas nacionais, explicitam a necessidade de pesquisas que analisem e publicizem as perspectivas teóricas contidas em suas obras e a forma pelas quais elas são difundidas nas redes.

Um estudo pioneiro sobre a obra de Nessahan Alita foi desenvolvido por Mayka Castellano e Vinicius Machado Miguel (2023). Apesar de sua importância em apontar a centralidade do autor para o movimento masculinista brasileiro e esmiuçar algumas de suas perspectivas teóricas, o artigo trata Alita como um tipo de conselheiro e influenciador, defendendo a tese de que sua produção se encaixa no gênero de autoajuda masculinista. De acordo com os autores:

A construção do discurso na autoajuda se dá, normalmente, a partir da figura dos especialistas autoproclamados. E Nessahan não foge a essa regra. O autor se coloca como um “Guru do Amor” para os homens que sofrem nas mãos das mulheres e, seguindo a cartilha do gênero, utiliza sua própria vivência para se impor como um expert no comportamento feminino, afirmando que resolveu compartilhar o conhecimento que adquiriu “em duras experiências”. (Castellano; Miguel, 2023, p. 123).

Apesar de reconhecer que a produção teórica de Nessahan Alita reúne uma série de conselhos e dicas para seus leitores, voltados a orientar o comportamento masculino em relação às mulheres, discordamos da tese apresentada por Castellano e Miguel (2023). Em nossa concepção, a produção de Nessahan Alita é, sobretudo, uma produção político-ideológica, sustentada em concepções reacionárias e extremistas que buscam reduzir a agência da mulher na vida pública e privada.

É nesse sentido que a presente pesquisa visa responder às seguintes perguntas: É possível captar especificidades do pensamento de Nessahan frente ao discutido no âmbito internacional? Podemos falar de um pensamento político de Nessahan Alita? Quais são suas principais características? Partindo de uma abordagem teórica sustentada na análise do pensamento político, buscamos apresentar a lógica argumentativa que perpassa a obra intelectual de Nessahan Alita.

O exame das obras de Alita se processou por meio da análise documental, tal como proposto por André Cellard (2008). O *corpus* documental investigado foi composto pela totalidade de obras publicadas de Alita: 7 livros publicados online e de forma independente ao longo dos anos 2000 e disponíveis no site do autor³. Quatro desses livros são volumes da mesma série: “O sofrimento amoroso do Homem”. Muitas dessas obras foram revisadas, atualizadas e expandidas ao longo dos anos 2000, de forma que o site do autor contém textos que possuem versões diferentes

³ Não é possível afirmar se o site foi desenvolvido pelo próprio Nessahan Alita ou se por algum de seus seguidores. O fato é que ele compila uma série de documentos históricos do movimento masculinista brasileiro, muitos dos quais não foram analisados. Site: <<https://nessahanalita.com/>>. O site permanece inalterado pelo menos desde 3 de fevereiro de 2018 (ver: <<https://web.archive.org/web/20180203133704/http://nessahanalita.com/>>).

(em termos de extensão, notas de rodapé, etc.). Como estratégia metodológica, selecionamos para a análise documental os livros e textos do autor que aparentam ser os mais refinados, isto é, as últimas versões disponíveis de cada livro (em resumo, os mais extensos, com mais notas de rodapé, etc.). Com isso, os livros citados não estão em ordem cronológica, visto que as versões sofreram modificações — majoritariamente, as versões utilizadas são relançamentos/atualizações que ocorreram em 2008.

Assim sendo, os livros de Alita aqui analisados são: O sofrimento amoroso do homem, volume 1 (versão utilizada 2008b); O Sofrimento Amoroso do Homem, volume 2 (versão utilizada de 2008c); O Sofrimento Amoroso do Homem, volume 3 (versão utilizada 2008d); O Sofrimento Amoroso do Homem, volume IV (2008d); O Magnetismo nas Relações Sociais: a submissão do ser humano através de suas fraquezas (edição utilizada, 2008a); Textos Complementares (2008e) e Textos Complementares II (2009).

A fim de se atingir o objetivo do trabalho e responder às perguntas assinaladas, subdividiu-se o presente artigo em duas seções distintas, excetuando-se esta introdução e as considerações finais. Na primeira seção, realiza-se um debate acerca das perspectivas correntes da bibliografia acerca dos masculinismos e das especificidades de seus grupos; na segunda seção, analisa-se a produção teórica de Alita e expõem-se os argumentos centrais presentes em sua obra. Nesta última seção, também se discute se existe ou não pensamento político nas obras de Nessahan Alita e, respondendo positivamente, busca-se esmiuçar suas características.

1. O MASCULINISMO NO MUNDO E NO BRASIL: UM DEBATE BIBLIOGRÁFICO

Não são poucos os estudos, pesquisas, autoras e ativistas políticas, de diferentes vertentes teóricas, que apontam para a existência de uma estrutura social marcada pela dominância masculina sobre as mulheres: o patriarcado. Essa estrutura, que organiza a sociedade assegurando poder e dominância para os homens, torna o gênero uma categoria central de análise. De modo geral, podemos dizer que o patriarcado se materializa, sobretudo, em dois aspectos centrais: a divisão sexual do trabalho e a concepção de papéis de gênero, que define as funções sociais de cada indivíduo a depender de seu sexo e gênero.

O patriarcado é sustentado e reproduzido através de uma série de instituições, tradições e ideologias que impõem diversas limitações à mobilidade social e a comportamentos divergentes dos padrões de gênero existentes, tanto a mulheres quanto a homens. Dentre os elementos que sustentam o patriarcado estão o machismo e a misoginia. O primeiro pode ser descrito como uma ideologia ou um sistema de crença cultural que concebe os homens como sendo superiores às

mulheres. A misoginia, apesar de estar interligada ao machismo, pode ser descrita como a aversão ou ódio às mulheres; trata-se de uma hostilidade ativa contra as mulheres e contra o feminino.

A despeito das conquistas referentes à crescente entrada das mulheres na força de trabalho, sobretudo em cargos mais qualificados e de liderança, e dos avanços sociais promovidos pelas diferentes lutas feministas no mundo, tanto o patriarcado quanto às concepções ideológico-culturais machistas e misóginas continuam vigentes. Além disso, entende-se que as mudanças promovidas geraram ressentimentos naqueles cujas posições sociais foram afetadas por esses processos (Brown, 2019).

A existência do machismo e da misoginia e sua grande influência sobre dinâmicas políticas, distintas instituições socioeconômicas e em diferentes âmbitos privados da sociedade brasileira coloca-nos a necessidade de realizarmos uma separação entre a misoginia e o masculinismo, dos quais defendemos que Nessahan Alita é um importante ideólogo. Nesse sentido, entendemos que a misoginia é uma ideologia/sistema de crença cultural que se sustenta no ódio ou aversão às mulheres, ou ao feminino. Sua manifestação pode se dar de diferentes formas, implícitas ou explícitas, mas não é, necessariamente, realizada em um programa ou movimento político-ideológico. O masculinismo, por sua vez, é um movimento político-ideológico misógino (mesmo que não declarado), demarcado pelo ódio às mulheres e ao feminino. O que é preciso ter claro é que nem todo misógino é masculinista, mas todo masculinista é misógino (Silva, 2023).

Apesar de os termos masculinismo e machosfera terem ganhado crescente relevância nos últimos anos, a história dos movimentos masculinistas e de suas concepções remonta, ao menos, à década de 1970⁴. De acordo com Lisa Sugiura (2021) e Michel Messer (2016), grupos que lutavam pelas causas dos homens surgiram no início dos anos 1970, ligados sobretudo à segunda onda feminista, com o objetivo central de libertar os homens dos papéis tradicionais de gênero e das opressões e sofrimentos impostos a eles pelo patriarcado. Neste momento, os grupos de homens que lutavam em prol das liberdades masculinas em conjunto com as feministas foram denominados de *Men's Liberation Movement* (MLM) — Movimento de Libertação dos Homens. Apesar de compartilhar muitas das posições e preocupações do movimento feminista, as conquistas objetivadas por este último logo gestaram pressões e tensões no seio do MLM. Em pouco tempo, tais tensões resultaram em cisões dentro do MLM, com grande parte de seus adeptos e ativistas passando a propagar ideologias antifeministas e outras concepções que colocavam a responsabilidade dos insucessos e insatisfações masculinas nas mulheres ou nas conquistas dos movimentos feministas (Sugiura, 2021; Messer 2016).

Com as cisões, o MLM subdividiu-se em duas alas principais. Os grupos ligados à primeira se mantiveram, mais ou menos, aliados aos movimentos feministas; isso porque eles entendiam que os homens seriam beneficiados pelas conquistas feministas e pelas maiores liberdades asseguradas a

⁴ Muito embora existam evidências que possibilitem traçar as origens dessa discussão ao século XIX, não encontramos pesquisas que realizem esse esforço.

todos os gêneros, decorrentes de tais avanços. Já os grupos ligados à segunda ala, se distanciaram do movimento feminista; eles o fizeram porque discordavam, em maior ou menor medida, da opressão dos homens às mulheres (discordavam do patriarcado e seus efeitos) e/ou discordavam dos efeitos maléficos do papel de gênero sobre os homens (Messer, 2016, Sugiura, 2021). Em resumo, esta cisão deu origem ao Movimento pelos Direitos dos Homens — *Men's Rights Activists* (MRA), levando à dissolução do MLM. Um dos principais atores responsáveis pelo surgimento do MRA foi Warren Farrell (1943-) cujos livros *The Liberated Men* (1974), *Why Men Are The Way the Are* (1988) e *Myth of Male Power: Why Men Are The Disposable Sex* (1993) foram centrais na transformação das lutas dos homens rumo a pautas e posições mais reacionárias e antifeministas (Sugiura, 2021).

Following the fissuring of men's liberation, the men's rights movement continued to deploy a narrowly conservative language of sex roles. Now severed from its progressive roots, a more reactionary tendency within the men's rights movement unleashed overtly anti-feminist and sometimes outright misogynist discourse and actions. (Messer, 2016, p. 8)

Ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000, as insatisfações com o feminismo e com o crescente avanço das mulheres no mercado de trabalho e as maiores liberdades conquistadas pelas mudanças de normas culturais fortaleceram as narrativas do MRA, garantindo mais adeptos e ativistas para este movimento, elevando a circulação de discursos e ideias antifeministas e reacionárias (Sugiura, 2021). Nesse ambiente, em conjunto com o MRA, surgiram uma série de grupos que buscavam lutar contra o feminismo, contra o domínio das mulheres sobre os homens, contra a chamada misandria (ódio contra os homens) e diversos outros fenômenos cujos participantes diziam prejudicar os homens.

Na contemporaneidade, muitos desses grupos se reúnem na chamada Machosfera, ambiente virtual formado por blogs, sites, comunidades em redes sociais, canais no YouTube etc. masculinistas (Sugiura, 2021; Valkenburgh, 2021; Rosa; Barros, 2026). De acordo com Shaw P. Valkenburgh (2021, p. 84): “The manosphere is a loosely connected group of anti-feminist Internet communities comprised of phenomena as diverse as #gamergate, the alt-right, men's rights activism, and pickup artist forums”.

Esse amplo conjunto de movimentos reacionários e misóginos que compartilham um mesmo ambiente virtual faz com que inexista consenso na bibliografia corrente acerca das principais características da machosfera: enquanto alguns autores defendem que os grupos (ou mais especificamente, as subculturas) se reúnem sob uma mesma ideologia/cosmovisão/visão do mundo, a redpill (Sugiura, 2021; Rosa; Barros, 2026; Castellano; Miguel, 2023), outros autores entendem que esses grupos compartilham ideologias distintas, defendendo que a machosfera é heterogênea apesar de ser marcada pela misoginia e por perspectivas reacionárias (Ging, 2017; Wright; Trott; Jones, 2020). Apontar a distinção dos grupos dentro da machosfera é relevante porque cada

ideologia sustenta-se em concepções/visões de mundo diversas e levam, conseqüentemente, a estratégias de ação e a relações de gênero distintas, tal como ressaltado por Wright, Trott e Jones (2020, p. 909): “This matters because ideology is a key variable shaping online political discussion and related actions”.

De toda forma, como ressaltamos, as pesquisas sobre os masculinistas ainda são exíguas e, mesmo aquelas pesquisas que defendem a heterogeneidade ideológica entre os grupos que compõem a machosfera não realizam um debate teórico sobre estas diferenças. Apesar disso, as principais pesquisas do campo, que aqui mobilizamos, apresentam debates e informações fulcrais para nosso objeto. Mais especificamente, são fundamentais para respondermos a uma das perguntas que guiam este trabalho: é possível captar especificidades do pensamento de Nessahan frente ao discutido no âmbito internacional?

Uma das principais pesquisadoras de grupos e de ideologias masculinistas, Debbie Ging, apresenta e sustenta, em seu artigo, “*Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere*” (2017), dois pontos importantes para o debate aqui realizado: 1º) que os movimentos masculinistas apresentam altos níveis de elasticidade ideológica e sustentam-se na Psicologia Evolucionária (PE) como forma de legitimação (Ging, 2017, p. 644); e 2º) as possibilidades oferecidas pelas redes sociais e pelas tecnologias da informação possibilitaram que as ideias antifeministas, as retóricas masculinistas e seus símbolos se espalhassem do mundo anglo-saxão para todo o globo, criando homogeneização entre níveis locais, regionais e globais (Ging, 2017). De acordo com a autora:

Firstly, the data indicate that the technological affordances of social media have radically increased the flow of antifeminist ideas and information across groups, platforms, and geographical boundaries. Hyperlinking to and reposting articles, blog entries, memes, and videos have enabled the rapid spread and homogenization of MRA rhetoric throughout the Anglophone world and beyond (Ging, 2017, p. 644-645).

Apesar dos avanços trazidos pelo artigo de Debbie Ging (2017), essa segunda afirmação apresenta três problemáticas centrais: 1ª) entende as concepções de mundo masculinistas como criadas e desenvolvidas em países anglo-saxões e exportadas para os países do Sul Global, de forma a não reconhecer ou marginalizar contribuições teóricas ou ideológicas masculinistas advindas dos países não-saxões; em outras palavras, o processo de homogeneização via redes sociais/internet seria unidirecional; 2ª) ao tratar do processo de homogeneização não se reconhece a possibilidade de mudanças discursivas causadas por novas obras teóricas ou acontecimentos, de modo a reduzir o dinamismo e inovações observadas na machosfera; 3ª) não aponta os papéis dos intelectuais ou de contribuições teóricas relevantes para a machosfera.

Caso adotássemos a perspectiva de Debbie Ging, a resposta para a pergunta “É possível captar especificidades do pensamento de Nessahan frente ao discutido no âmbito internacional?” seria, necessariamente, negativa. Mas, em contraposição à autora, defendemos que 1º) os movimentos masculinistas apresentam especificidades no mundo offline que têm reflexões sobre o online e 2º) a machosfera, online, também é marcada por diferenças nos níveis local, regional e internacional. Assim, parece-nos que a explicação de Ging não é suficiente, ao menos, para descrever o caso brasileiro. Apesar disso, o reconhecimento da flexibilidade ideológica dos movimentos masculinistas e da importância da PE como forma de legitimar cientificamente os escritos masculinistas são contribuições importantes realizadas por Debbie Ging (2017). Esse último fator é melhor explorado por Shawn P. Van Valkenburg (2021).

Em seu artigo, Valkenburg (2021) explora a comunidade *redpill* que se forma em um subfórum do Reddit chamado “*The Red Pill*” (r/TRP)⁵. Seus principais achados podem ser resumidos nos seguintes pontos: 1º) nessa comunidade realizam-se relações entre a microeconomia (relações de troca e demanda individualizadas) e a PE; 2º) há a construção da sexualidade a partir da lógica de mercado; 3º) há a concepção de que os homens são explorados pelas mulheres e que o feminismo constitui uma estratégia discursiva que esconde a exploração e a opressão dos homens (Valkenburg, 2021, p. 89); 4º) apresentam posturas anti-estado, devido ao entendimento de que as mulheres mobilizam o Estado como instrumento de dominação; 5º) pensam as relações entre seres humanos a partir dos imperativos biológicos genéticos e dos impulsos pela reprodução, assumindo a natureza humana como essencialmente imutável e as relações sociais como comandada por imperativos biológicos (Valkenburg, 2021, p. 89); 6º) nas concepções biologizantes, as mulheres são pensadas como seres incapazes de racionalizar e que seus “raciocínios” são comandados pelos sentimentos (Valkenburg, 2021). De acordo com Valkenburg (2021, p. 91):

The underlying premise of both EP and the sidebar is the axiom that human behavior and psychology have evolved to maximize gene reproduction. Building on this assumption, EP (controversially) deduces that men and women have divergent reproductive interests and therefore evolve essentially divergent personalities.[...] When men and women pursue their preferences for certain kinds of mates, EP insists, they are unknowingly and indirectly doing the bidding of their male and female genes.

Como desdobramento dessa perspectiva, tem-se a ideia de que as mulheres tendem a buscar um tipo de homem, aquele com melhores genes, devido ao imperativo biológico natural, e a se casar com outro, aqueles homens “apoiadores”/submissos que ajudarão a criar seus filhos. Isso seria resumido no lema “Alpha Fuck/Beta Bucks”⁶ (Valkenburg, 2021, p. 92). A atratividade, a capacidade de prover e os genes de cada indivíduo lhe conferiram um determinado valor para as

⁵ Ver: <<https://www.reddit.com/r/TheRedPill/>>

⁶ Lema baseado na teoria do Adultério de David Bus (Valkenburg, 2021).

mulheres; esse valor concorreria com o de outros indivíduos em busca de sexo e/ou de reproduzir seus genes, formando aquilo caracterizado como “Valor Sexual de Mercado” (VSM). Na comunidade explorada por Valkenburg (2021), o VSM poderia ser transformado pelas ações dos indivíduos — eis aí as relações com o neoliberalismo apresentadas por Valkenburg (2021), embora alguns setores masculinistas considerem que não (vide os chamados Incels). Pablo Rosa e Nina Barros (2026), em seu estudo sobre a machosfera brasileira, acharam relações semelhantes entre racionalidade neoliberal e o recurso à PE como forma de legitimação discursiva/ideológica das concepções masculinistas.

No vocabulário red pill, os afetos, os desejos e os corpos são posicionados segundo uma lógica hierárquica, que se ancora em pressupostos da psicologia evolutiva e da antropologia biológica. O resultado é uma cosmovisão em que os sujeitos são classificados conforme sua utilidade e atratividade, ou valor sexual de mercado (VSM), consolidando uma compreensão de que a desigualdade aparece não como construção histórica, mas como destino biológico natural. (Rosa; Barros, 2026, p. 103)

Explicitar os achados realizados por Shaw Valkenburg (2021) sobre a subcomunidade The Red Pill e expor o fato de que Pablo Rosa e Nina Barros (2026) apresentam, em sua pesquisa sobre os masculinistas brasileiros, conclusões semelhantes à de Valkenburg é relevante por dois motivos: 1º) muitas das concepções ligadas à PE são mobilizadas e sustentam o pensamento de Nessahan Alita; e 2º) Rosa e Barros (2026) não fazem referência à produção teórica de Alita em seu texto. Esses dois fatos podem ser utilizados para sustentar a tese de Debbie Ging (2017) sobre a transmissão das concepções e ideias masculinistas dos países anglo-saxões para o Sul Global e a falta de especificidades nos movimentos masculinistas nos níveis local e regional, visto a tendência homogeneizadora.

Apesar disso, defendemos aqui as seguintes hipóteses: 1ª) a despeito de Nessahan recorrer à PE, ele o faz de maneira diversa à realizada na subcomunidade TRP e por outros autores masculinistas discutidos na bibliografia supracitada; e 2ª) apesar de não falar do Estado ou mobilização política em seus escritos, as concepções políticas de Alita possuem caráter político anti-feminino e masculino-autoritário e sustentam ações concretas e discursos masculinistas na atualidade. Feitas tais considerações, na próxima seção buscaremos responder às perguntas: podemos falar de um pensamento político de Nessahan Alita? Quais são suas principais características?

2. UM INTELLECTUAL MASCULINISTA BRASILEIRO? ANÁLISE DO PENSAMENTO POLÍTICO DE NESSAHAN ALITA

Conforme ressaltamos na seção anterior, seguindo-se as bibliografias correntes sobre masculinismo no Brasil e no mundo (Ging, 2017; Valkenburg, 2021; Rosa; Barros, 2026) e sobre o próprio Nessahan Alita (Castellano; Miguel, 2023) as perguntas de pesquisa que guiam este trabalho seriam respondidas negativamente: não seria possível falar nem de um teórico masculinista, nem de um pensamento político masculinista sistematizado e, quiçá, de um teórico masculinista brasileiro. Apesar de todos esses elementos, a análise das obras de Nessahan Alita revelou especificidades em relação ao pensamento masculinista apontado pelos autores supracitados e um pensamento político, sobretudo implícito, em sua obra.

O caráter implícito de seus posicionamentos torna a análise da obra do autor distinta daquelas que, geralmente, são empregadas no campo de pensamento político, em geral, e no campo do pensamento político brasileiro, em específico. Isso se dá porque, neste último, analisa-se, costumeiramente, personalidades conhecidas, teóricos com atuação política concreta e/ou produções cujas concepções políticas são explícitas, embora em geral não sistematizadas e/ou analisadas.

No caso de Nessahan Alita, o caráter implícito de seu pensamento político decorre da afirmação, apresentada de forma recorrente em todas suas produções, de que sua teoria ou ideias só se restringem ao campo dos relacionamentos amorosos: “As idéias aqui desenvolvidas NÃO SE APLICAM a outras instâncias que não sejam a das relações AMOROSAS entre homens e mulheres heterossexuais adultos” (Alita, 2008b, p. 10, caixa alta do autor). Os diferentes avisos para não extrapolar a análise a outros campos — incluindo à política — são feitos em conjunto com advertências que pedem para que os leitores de suas obras as leiam sob a perspectiva do humor: “Esta obra deve ser lida sob a perspectiva do humor e da solidariedade, jamais da revolta” (Alita, 2008a; Alita, 2008b; Alita, 2008c, p. 2)⁷. Apesar de fazer essa advertência, não são poucas as passagens no texto em que observamos a pretensão de cientificidade, seguindo-se o descrito sobre os masculinistas brasileiros por Barros e Rosa (2026).

Essa pretensão aparece tanto na construção argumentativa realizada quanto no uso e/ou referências recorrentes a cientistas academicamente legitimados, como Sigmund Freud e Carl Gustav Jung; a filósofos reconhecidos como Arthur Schopenhauer, Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche; na utilização de textos religiosos como passagens bíblicas e do alcorão; em referências literárias ou esotéricas como Johann Wolfgang Goethe e Eliphas Levi; e, talvez o mais relevante para a discussão aqui realizada, textos de autores masculinistas ligados ao *Men's Right's Movement*, tais como Lawrence Shannon, Warren Farrell; David Goleman, etc, muitos dos quais recorrem à PE. (Alita, 2008b; Alita, 2008c; Alita, 2008e). Assim, no primeiro volume de *O Sofrimento Amoroso do Homem*, Alita diz:

⁷ Trata-se da mesma advertência para todos os livros em que ela aparece. Em todas elas a advertência se encontra na página 2 dos livros.

Os princípios que aponto se aplicam de forma geral às relações de gênero estáveis: à conquista, ao namoro e ao casamento, entre outras “modalidades” (e, portanto, destinam-se somente a adultos). As informações foram obtidas junto às obras de autores respeitáveis e pelo contato, observação e experiência pessoal. (Alita, 2008b, p. 7)

Apesar de tentar dar um tom de cientificidade às suas obras, tal como observado por autores como Shaw Valkenburg (2021) e Rosa e Barros (2026) em suas pesquisas sobre grupos masculinistas, Nessahan Alita cria formas de negar o caráter científico de sua própria produção. Isto é, ele recorre à linguagem científica, mas procura expandir suas discussões para além do âmbito científico. O autor, em relação ao método de construção de seus argumentos, diz:

Preferi optar pela via da dedução, tecendo conclusões provisórias a partir de inferências por premissas socialmente aceitas, validados pela experiência comum, ou defendidas por autores que sempre admirei e que influenciaram fortemente minha visão de mundo. Não são hipóteses científicas mas sim hipóteses de um tipo mais filosófico e de inspiração espiritualista e religiosa. (Alita, 2008b, p. 11)

Salientamos aqui a primeira diferença em relação ao discutido na bibliografia supracitada: apesar de recorrer à cientificidade, o pensamento de Alita não se sustenta apenas nela, visto o diálogo com a filosofia e a religião. De toda forma, as contradições existentes não dizem apenas respeito à questão da retórica de cientificidade no pensamento de Alita, elas perpassam todos os escritos do autor. Tais contradições e incongruências dificultam a sistematização de seu pensamento e, conseqüentemente, a realizarmos distinções em relação à bibliografia supracitada.

Entretanto, existem alguns pressupostos e um *core* argumentativo que guiam a obra do autor e demonstram outras especificidades de sua produção. Esse núcleo duro pode ser descrito da seguinte maneira: homens e mulheres possuem tanto imperativos biológicos distintos quanto características biológicas diversas — enquanto os homens são física e racionalmente superiores, as mulheres possuem força física e capacidades racionais débeis, sendo descritas por Alita como ilógicas e irracionais. Apesar disso, ou como forma de contrabalancear a débil força física e mental, para Alita as mulheres possuem grande domínio da inteligência emocional, enquanto os homens são frágeis neste campo.

Ocorre que Alita tenta esconder sua misoginia e seu machismo afirmando que não vê a irracionalidade feminina como um problema ou como inferiorizante e, em certo sentido, tenta igualar a dita superioridade lógico-racional dos homens à dita superioridade emocional das mulheres usando o argumento biológico. Em algumas passagens, até dá a entender que a dita superioridade emocional feminina é superior à dita superioridade lógico-racional masculina, sendo, portanto, mais proveitosa para as mulheres do que a inteligência lógica: “O leitor deve ter em conta

que não sou adepto do racionalismo e que, quando critico a racionalidade feminina, o faço desde o ponto de vista de quem considera a inteligência emocional e a intuição superiores ao intelecto racional linear e frio, tipicamente masculinos” (Alita, 2008b, p. 11).

A consideração da mulher como diferente do homem e mais propensa ao emocional, ao belo e ao agradável do que ao racional e ao lógico (no sentido usual da palavra) não encerra idéia de inferioridade senão para aqueles que equivocadamente endeusam o intelecto como meio de cognição por excelência. Não há identidade entre intelecto e inteligência. (Alita, 2008b, p. 99)

Observando-as, vemos algumas ilogicidades autênticas que não são aparentes, simuladas e nem tampouco propositalmente provocadas: as oriundas da natural propensão feminina à confusão psicológica. São ilogicidades involuntárias, inconscientes, negadas a todo custo e incompreensíveis por serem regidas pelo caos mental. [...] São insanidades que nem mesmo elas explicam e tem sua origem em uma ruptura entre seus fortes instintos e seus frágeis intelectos. (Alita, 2008d, p. 11-12)

A caracterização concomitante das mulheres como ilógicas e marcadas por uma “confusão psicológica” (Alita, 2008d) mas dominantes no campo emocional, constitui um ponto basilar no posicionamento político de Nessahan. É a partir dele que se processam estratégias narrativas que visam concomitantemente: 1º) atribuir às mulheres uma incapacidade psicológica de decidir por si próprias (ou pelo menos, compreender e racionalizar o que é melhor para elas); 2º) uma condição infantilizada e 3º) explicar o domínio feminino sobre os homens:

Todos esses infernos emocionais e mentais apenas são possíveis porque cometemos o erro de levá-las a sério ao invés de vê-las como meras crianças travessas. Um minuto de distração é suficiente para começarmos a nos deixar levar pelas conversas, sendo atraídos para múltiplos estados negativos. Se você levar a sério as bobagens do mundo feminino, dialogando sobre futilidades como se fossem coisas sérias e muito importantes, estará perdido. (Alita, 2008d, p. 24)

A compreensão das mulheres como ilógicas, mas superiores emocionalmente frente aos homens racionais/lógicos, mas débeis emocionalmente, é somada a uma ampla explicação biologizante do comportamento humano, com os ditos imperativos biológicos sendo instrumentalizados para explicar o domínio das mulheres sobre os homens. Tal como descrito pela bibliografia corrente sobre os movimentos e grupos masculinistas (Valkenburg, 2021; Nina; Barros, 2026; Ging, 2017), há em Alita uma aproximação com teorias darwinistas para explicar o comportamento social (não necessariamente a PE, embora haja diversas proximidades). Nesse

sentido, Nessahan atribui tanto características fixas aos comportamentos de cada gênero quanto dinâmicas imutáveis nos relacionamentos românticos e sexuais heterossexuais. Segundo o autor:

As pessoas de ambos os sexos se comportam de forma mecânica e condicionada, sendo muito raras aquelas capazes de se rebelarem contra si mesmas a ponto de escaparem totalmente dos padrões animais de conduta. Portanto, não parecem ser muitas as mulheres da Terra que demonstram se afastar bastante do perfil comportamental aqui apontado, infelizmente. (Nessahan, 2008b, p. 10)

A sexualidade humana é semelhante à dos cavalos, zebras e jumentos selvagens. As fêmeas espontaneamente se dirigem ao território de um garanhão, que se instala próximo às melhores fontes de alimento e água (recursos materiais), e oferecem-lhe seu sexo à vontade. Os demais machos, secundários, são obrigados a errarem em bandos compostos apenas por indivíduos do sexo masculino, ficando sem se acasalar por anos a fio, até que consigam substituir algum garanhão que esteja velho. As fêmeas não rivalizam entre si e aceitam a infidelidade do garanhão com naturalidade (como acontece com as fãs de qualquer artista famoso, mafioso, bilionário ou político). (Nessahan, 2008b, p. 33)

Assim como a PE utiliza os imperativos biológicos do sexo e da reprodução para explicar dinâmicas sociais e comportamentais, na obra de Alita estes imperativos também são fatores explicativos do comportamento das mulheres em relação aos homens. Além disso, para Nessahan, tais imperativos, em conjunto com a dita manipulação emocional realizada pelas mulheres sobre os homens, asseguram os privilégios femininos e o domínio das mulheres sobre os homens. Essa explicação é construída sobre um pressuposto: o de que as mulheres não gostam de sexo ou que, pelo menos, este não é necessário para elas, diferente do que é para os homens (Alita, 2008b; Alita, 2008d).

A indiferença ao sexo e o menosprezo natural que sentem por atos de amor e de carinho compensam a fragilidade física e lhes confere imenso domínio emocional sobre nós, sendo os fatores que as tornam tão resistentes emocionalmente e difíceis de vencer nas guerras da paixão. As fêmeas de mamíferos e aves, em geral, não são ansiosas por copular, ao contrário dos machos que caem em estresse intenso quando forçados a uma abstinência, desenvolvendo inclusive patologias, entre as quais a homossexualidade involuntária (Alita, 2008d, p. 67)

Queremos o máximo de sexo e tentamos transar enquanto nos restarem forças, até o último momento. Para nós, o sexo vem em primeiro lugar e o amor em segundo. Para elas, o contrário ocorre: o amor vem em primeiro lugar. Mas entenda-se bem: na maioria das vezes, não querem dar amor, querem apenas recebê-lo dando em troca somente o mínimo necessário para nos manterem presos pelo desejo, pelo sentimento e pela paixão. Possuem um desejo duplo. Desejam a servidão dos fracos e a proteção dos fortes. Querem dominar os débeis e carentes para explorá-los como maridos criadores

de sua prole ao mesmo tempo em que sonham obter a afeição dos insensíveis que possuem haréns e se destacam na hierarquia dos machos. (Alita, 2008b, p. 34)

As mulheres, sendo condicionadas pelo imperativo biológico de cuidar da prole, seriam, para Nessahan, condicionadas a gostarem do domínio e da direção masculina. Assim, seriam atraídas e se sentiriam satisfeitas quando dominadas e comandadas por um homem com fortes características masculinas.

A loucura feminina é a superioridade do macho em todos os sentidos e campos possíveis. São atraídas por sinais de superioridade: altura, inteligência, dinheiro etc. mas principalmente por indiferença, determinação, estatura, e segurança. Rejeitam sinais de inferioridade e fraqueza: baixa burrice, pobreza, sentimentalismo, romantismo, submissão, assédio, bajulação, adoração, dúvida, vacilação, insegurança etc. (Alita, 2008b, p. 36)

Em um *mix* de ideias, muitas delas contraditórias, o macho “superior” ou “destacado” seria aquele com características pessoais, sociais e biológicas desejáveis e valorizadas em determinado contexto social (Alita, 2008b, p. 37). Muito embora a questão do biológico pareça ter maior relevância neste contexto, a adoção de perspectivas comportamentais e sentimentais por Alita também constitui uma diferença em relação ao debatido pela PE e em comunidades masculinistas estrangeiras.

Feitas essas considerações, chamamos atenção para a lógica argumentativa estruturada por Nessahan Alita em sua obra: ao defender a diferença das características biológicas entre homens e mulheres e apontar para a prevalência da superioridade emocional sobre superioridade lógica-racional (a primeira característica das mulheres e a segunda dos homens), o autor apresenta fundamentações para o suposto domínio das mulheres sobre os homens, definidos como emocionalmente débeis. Esse suposto domínio é reforçado pelos imperativos biológicos referentes a sexo e a reprodução: o homem sofre pela falta de sexo (biologicamente necessária) porque as mulheres escolhem apenas os homens destacados, maus e/ou cafajestes para se relacionar. Em resumo: “O poder das mulheres é o poder de manipulação dos sentimentos e dos pensamentos de outras pessoas e grupos, de ambos os sexos, através dos quais elas comandam as sociedades em que vivem e também os homens detentores de poder” (Alita, 2008f, p. 13).

Contraditoriamente, apesar de exercerem domínio sobre os homens por meio desses imperativos biológicos e superioridade emocional, na concepção de Nessahan Alita, as mulheres tanto não entendem tais imperativos e muitos sentimentos (devido à sua dita irracionalidade)

quanto desejam ser comandadas, independentemente de suas posições políticas ou culturais⁸. Quais, então, seriam as derivações políticas deste pensamento?

Em primeiro lugar, ao atribuir características distintas aos gêneros masculino e feminino, definindo os homens como superiores logicamente e as mulheres como superiores emocionalmente, Nessahan Alita produz uma narrativa que paralelamente pode ser, e é, utilizada para legitimar as mais variadas violências — sexuais, físicas, psicológicas, de gênero — contra a mulher, ao mesmo tempo que desresponsabiliza os homens e responsabiliza as mulheres pela ocorrência de tais violências. A lógica narrativa é a seguinte: os homens, superiores racionalmente, são levados a praticar violências contra a mulher por conta da ilogicidade e das torturas emocionais realizadas pelas próprias mulheres. De acordo com Nessahan: “O ato de desafiar e provocar visa não somente nos testar mas também manipular situações de modo a colocar a pessoa que provoca em evidência como uma vítima. Historicamente, as fêmeas sempre instrumentalizam este papel como arma social para domínio, obtenção de proteção e de favores” (Alita, 2008d, p. 53). Portanto, se as mulheres aparecem como vítimas, em qualquer situação, é devido a suas próprias ações. Por outro lado, os homens seriam as verdadeiras vítimas do domínio feminino, apesar das aparências contrárias.

Em segundo lugar está o fato de que, para Alita, as mulheres, infantis e ilógicas, não possuem, em última instância, autonomia para decidirem o que é melhor para elas. Essa concepção apresenta-se de diversas formas: I) nas diversas passagens que Alita discute sobre as incongruências entre o que, em sua concepção, as mulheres dizem/pensam e como elas agem; II) na exposição das ditas incongruências femininas em relação a seus posicionamentos políticos-ideológicos (por exemplo, o feminismo) e suas vontades pessoais (por exemplo, a recusa do sexo); III) na incapacidade feminina de pensar nas consequências de seus atos e arcar com elas. Em relação a este último aspecto, Alita diz, por exemplo:

As mulheres são unânimes em afirmar que detestam ser lideradas, mas se contradizem quando tomam atitudes que infernizam o homem submisso, solicitando domínio e liderança, e quando se mostram violentamente atraídas pelos líderes e, de forma geral, por todos os homens que se destaquem como o centro do círculo social no qual estão inseridas. É muito mais cômodo e seguro ser liderado do que liderar. Os riscos e perigos da responsabilidade pesam muito mais sobre os líderes do que sobre os liderados e esta é uma das razões pelas quais as mulheres exigem o domínio masculino e sentem desprezo pelos capachos. (Alita, 2008b, p. 41)

Como consequência do primeiro e do segundo pontos explicitados acima, podemos concluir o seguinte: em toda obra de Nessahan Alita repousam, implicitamente, concepções

⁸ O feminismo, por exemplo, é visto como indiferente frente a natureza da mulher. Para Alita, não importam o que digam, as feministas querem um homem másculo e dominador (Alita, 2008b; Alita, 2008d), fato que difere das visões do feminismo expressa nas referências aqui debatidas, em especial em Lisa Sugiura (2021) e Shaw Valkenburg (2021). Nesse sentido, a posição frente ao feminismo também constitui uma diferença em relação aos grupos masculinistas abordados pelos autores aqui trabalhados.

misóginas e machistas, que visam tornar os homens capazes de se opor ao dito “domínio” feminino. Esse pensamento é marcado por um autoritarismo masculino, que busca relegar a mulher a um papel de submissão extrema, em que sua voz, seus desejos, ideias e valores são ignorados em prol de concepções biológicas darwinistas e valores machistas autoritários.

Em suma, Alita possui em seus escritos um projeto político violento e combativo à autonomia feminina. Esse projeto pode ser guiado de duas formas: ou por meio de ações individuais, ou organizadas que visam estabelecer o domínio masculino sobre as mulheres, em todos os âmbitos e sentidos — estando, portanto, ligado a uma série de crimes e ilegalidades que passam a ser legitimadas com o pensamento de Alita —, quanto por meio das mobilizações políticas para que as mulheres sejam “responsabilizadas” por suas ações frente aos homens e por suas vidas — reforçando uma aproximação com políticas neoliberalizantes⁹. De acordo com o autor:

O direito feminino de decidir o que fazer com a própria vida, com os próprios sentimentos e com o próprio corpo é intocável. O que é desonesto é a tentativa de exercer esses direitos sem arcar com consequências inevitáveis. Para se esquivarem das consequências naturais de uma sexualidade livre, as fêmeas se especializaram na arte de mentir, dissimular e enganar para desfrutar certos benefícios sem abrir mão de outros. (Alita, 2008d, p. 18)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feita a exposição da pesquisa, acreditamos ter respondido às perguntas que a guiou. Resumidamente: I) entendemos que existe um pensamento político nas obras de Nessahan Alita e que é possível sistematizá-lo; II) defendemos que o autor apresenta especificidades em relação aos masculinistas estrangeiros, de modo que nos contrapomos à concepção de Debbie Ging (2017) acerca dos fluxos unidirecionais das visões de mundo e das concepções masculinistas dos países anglo-saxões para os países não anglo-saxões e III) defendemos que o pensamento político de Alita é marcado por um autoritarismo masculinista extremo, que busca reduzir a autonomia e a liberdade das mulheres ao máximo possível em prol do domínio e vontade masculino.

Apesar de compartilhar, em algum grau, as visões de mundo masculinistas anglo-saxãs e ter referenciado livros de autores do MRA, a construção teórica masculinista de Alita é original e não pode ser reduzida a uma simples assimilação de ideias. Além disso, dada a data de publicação de seus livros e a ampla circulação do autor na sociedade brasileira, existe a possibilidade de este ter contribuído teoricamente para a formação de masculinistas fora do Brasil, em especial no mundo

⁹ A fim de exemplo: os masculinistas brasileiros que mobilizam a obra de Alita se opõem à Lei Maria da Penha por meio da inversão do papel da vítima (que nesse caso seria o homem condenado) e/ou por meio da culpabilização da mulher pela escolha do parceiro agressor. Também se opõe aos subsídios financeiros dados pelo Estado a mães em vulnerabilidade social, visto que esta é uma forma de “responsabilizar” as mulheres que tiveram filhos por suas ações.

lusófono, e de existir um fluxo de suas ideias para outras localidades da machosfera. Com isso, defendemos a importância da realização de novas pesquisas que explicitem a disseminação do pensamento de Alita nas redes brasileiras e avancem nos estudos sobre sua obra.

REFERÊNCIAS

ALITA, Nessahan. **O Magnetismo nas Relações Sociais**: A submissão do Ser Humano através de suas fraquezas. Edição Virtual Independente, 2008a.

ALITA, Nessahan. **O Sofrimento Amoroso do Homem, Volume I**: Como Lidar com as Mulheres — Apontamentos sobre um Perfil Comportamental Feminino nas Relações Amorosas com o Homem. Edição Virtual Independente, 2008b.

ALITA, Nessahan. **O Sofrimento Amoroso do Homem, Volume II**: O Profano Feminino — Considerações sobre uma Face da Mulher que Ninguém quer Encarar. Edição Virtual Independente, 2008c.

ALITA, Nessahan. **O Sofrimento Amoroso do Homem, Volume III**: A Guerra da Paixão: As artimanhas e os truques ardilosos das mulheres no amor. 2ª Edição Virtual Independente, 2008d.

ALITA, Nessahan. **O Sofrimento Amoroso do Homem, Volume IV**: Reflexões Masculinas Sobre a Mulher e o Amor — Algumas Heresias que Faltaram Dizer. 1ª Edição Virtual Independente, 2008e.

ALITA, Nessahan. **Textos Complementares I**. Edição Virtual Independente, 2008f.

ALITA, Nessahan. **Textos Complementares II**. Edição Virtual Independente, 2009.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERES, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, vol. 22, n. 4, p. 638-657, 2017.

MESSER, Michael A. Forks in the Road of Men's Gender Politics: Men's Rights vs Feminist Allies. **International Journal for Crime, Justice and Social Democracy**, v. 5, n.2, 2016, p. 6-20.

ROSA, Pablo Ornelas; BARROS, Nina. Juventude conservadora redpill: cartografia da machosfera brasileira nas plataformas digitais. **Revista Agenda Política**, v. 13, n. 2, p. 97-117, 2026.

SILVA, Bruna Camila de Souza Lima e. **MASCULINISMO**: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil. 240f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SUGIURA, Lisa. **The Incel Rebellion**: The Rise of the Manosphere and the Virtual War against Women. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2021, p. 139p.

VALKENBURGH, Shaw P. Van. **Digesting the Red Pill**: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. *Men and Masculinities*, vol. 24, n. 1, 2021. p. 84-103.

WRIGHT, Scott; TROTT, Verity; JONES, Callum. 'The pussy ain't worth it, bro': assessing the discourse and structure of MGTOW. **Information, Communication & Society**, v.23, n. 6, p. 908-925, 2020.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todos os dados utilizados e referenciados nesta pesquisa se encontram disponíveis ao público na internet.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: Não foi usado nenhum tipo de inteligência artificial na escrita desta pesquisa.

FINANCIAMENTO: Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: Todos os autores foram responsáveis pela coleta e análise dos dados, conceituação das ideias, escrita e revisão do texto. Os aspectos defendidos aqui foram frutos de debates e escrita conjunta entre os autores.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: Os autores declaram não haver conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS AUTORES:

Geraldo Homero do Couto Neto: Bacharel, Licenciado e Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Doutorando em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisa sobre desinformação, direitas e humanidades digitais.

Danilo Augusto da Silva Horta: Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (PPGCP/UNICAMP).

Daniela Paro: Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas e mestranda em Ciência Política pela mesma instituição. Desenvolve pesquisa sobre o discurso antipetista no jornal O Globo, investigando sua relação com a tradição anticomunista no Brasil.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.